

DAR COM A LÍNGUA NOS DENTES: O CONTO SERTÃO.

Érika Rodrigues Corrêa (UERJ)

RESUMO

A comunicação pretende estabelecer como questão que sertão é uma espécie linguística performativa orientada pelo estalar da língua de Riobaldo. Busca-se compreender como a “palavra pegante” (ROSA, 1994, p. 245) sertão, enquanto signo linguístico, ganha corpo e chão – entendendo-se aqui a extensão de suas veredas -, ao passo que o contar de Riobaldo vai atravessando, sulcando qualquer escuta que se oferece a pôr-se diante de si e a testemunhar o que o ele afirma conhecer.

Indo além, entende-se que sertão é mais do que um som que reverbera na voz de Riobaldo e uma palavra prenhe de significados que se organizam no interior de sua narração, é a instalação de uma imagem que dá aparência às coisas narradas e à Riobaldo, instrumento do narrar, a visão de si mesmo e o pertencimento ao que o sertão funda. Percebe-se que sertão roça nas coisas, enredando-as numa trama que, em sua ação performativa, artificializa uma forma falada, que acende a própria ideia de conto.

Ainda, incidindo na ideia de que sertão trama um grande conto e também o é, investe-se pensar o gesto literário do contar, deposto em terras brasileiras por João Guimarães Rosa, buscando reconhecê-lo como um gesto inaugural de fundação e de descoberta de uma nova terra, ainda inabordável, que se supõe apta a declinar sua filosofia. Esta que, aludindo às contribuições da filosofia emersoniana, se desenreda ao passo que a palavra sertão, por constituir-se em peso, finca o lugar e destrincha, pelo seu poder de deslocamento, a ideia filosófica de chão, de fundamento. Sendo assim, pretende-se pensar no quanto sertão, essa espécie linguística, é, em sua performance, o labor do contar a mirar a travessia filosófica de se pôr a caminhar com ela.

Palavras-chave: João Guimarães Rosa. Sertão. Performance. Conto.

“Vou lhe falar. Lhe falo do sertão. Do que não sei. Um grande sertão! Não sei. Ninguém ainda não sabe. Só umas raríssimas pessoas – e só essas poucas veredas, veredazinhas. O que muito lhe agradeço é a sua fineza de atenção.” (ROSA, 1994, p.134)

Nas palavras de Riobaldo, Senhores, “Vou lhe falar.” e “Lhe falo do sertão.” estão a promessa do porvir, de uma fala a descortinar o futuro, “Um grande sertão!”, e a

presença da voz que já presentifica o contar sobre o sertão. Dito isso, parecem elas ressonâncias destoantes a acusarem o falsear uma da outra. Afinal, seria a fala presente um gesto de resvalar no sertão, sem dele nada poder dimensionar além “dessas poucas veredazinhas”? Seria a fala futura o não cumprimento de uma promessa que versa sobre a natureza daquilo que se alastra, “um grande sertão”? As perguntas, decerto, aturdem quem se põe em escuta, mas não podem tamponar a atenção ao contar que se apresenta.

“Como vou contar, e o senhor sentir em meu estado? O senhor sobrenasceu lá? O senhor mordeu aquilo? O senhor conheceu Diadorim, meu senhor?!... Ah, o senhor pensa que morte é choro e sofisma-terra funda e ossos quietos... O senhor havia de conceber alguém aurear de todo amor e morrer como só para um. O senhor devia de ver homens à mão-tente se matando a crer, com babas raivas! Ou a arte de um: tá-tá, tiro – e o outro vir na fumaça, de à-faca, de repelo: quando o que já defunto era quem mais matava... O senhor... Me dê um silêncio. Eu vou contar.” (ROSA, 1994, p.852).

O aviso de Riobaldo logo os alerta, Senhores, para o fato de que o que ele está prestes a contar, a dar com a língua nos dentes, parece trazer a condição primordial do conto, a qual aquele que se consagra como ouvinte ajuda sustentar: a fala é a matéria dos contos, expandida pela força da sua oralidade, para além dos povos, dos territórios e do apreensível em qualquer fundação (ALMEIDA, 2011, p.20). O senhor havia de... O senhor devia de... Essas construções incorrem na ingênua possibilidade do ouvinte dar conta da matéria “sertão”, de assim poder contá-lo se a ele pertencesse ou o tivesse experienciado. Contudo, o alicerce do contar, a horizontalizar-se em escrita, requer do ouvinte a sua ausência, enquanto ruído, sussurro ou qualquer dizer, requer que este se assumo no impronunciável de sua fala. No silêncio concedido a Riobaldo, o ouvinte decalca em si a performance da palavra “senhor” e segue os imperativos- “olhe”, “escute”, “mire” e tantos outros – estando completamente entregue ao diálogo no qual se faz elementar. O senhor... Me dê um silêncio. Eu vou contar.

“O senhor é de fora, meu amigo mas meu estranho. Mas, talvez por isto mesmo. Falar com o estranho assim, que bem ouve e logo longe se vai embora, é um segundo proveito: faz do jeito que eu falasse mais mesmo comigo. Mire veja: o que e ruim, dentro da gente, a gente perverte sempre por arredar mais de si. Para isso é que o muito se fala?” (ROSA, 1994, p.48)

“Sendo isto. Ao doido, doideiras digo. Mas o senhor é homem sobrevivendo, sensato, fiel como papel, o senhor me ouve, pensa e repensa, e rediz, então me ajuda. Assim, é como conto. Antes conto as coisas que formaram passado para mim com mais pertença. Vou lhe falar. Lhe falo do sertão.” (ROSA, 1994, p.134)

“O sertão me produz, depois me engoliu, depois me cuspiu do quente da boca... O senhor crê minha narração?” (ROSA, 1994, p.840)

Senhores, crêem que Riobaldo é obra e obreiro? Riobaldo produzido, engolido e cuspidor. Por fim, a palavra Riobaldo para fora, aquele que muito fala e se fala, contando as coisas que lhe pertencem e a si formam. Riobaldo no mundo a contar pela “herança de uma língua que atravessa”. (GRIFO NOSSO) (MOTTA, 2011, p.280), potencializando como um duplo indissociável narrar e descobrir. O sertão dispara em figurações de cenas e de acontecimentos dos mais ordinários da vida sertaneja. Um jagunço que denota a compreensão do sertão para além do contemplativo, para além do raso enredo impresso nas folhas de papel. Sertão é “idéia ligeira” (ROSA, 1994, p. 15) de gênese, a qual Riobaldo se põe a farejar, suspeitante de que esteja nela a aurora do contar e de que seja ela a sua marca de nascença. À medida que Riobaldo fala do sertão, Senhores, a ação principia e “sertão” é pensado, figurado e vocalizado numa escrita que artificializa a fala. Sertão é um signo linguístico performático que estala na língua de Riobaldo como conto.

Sertão é o princípio de “uma palavra pensada. Palavra pegante, dada ou guardada, que vai rompendo rumo.” (ROSA, 1994, p.245). E, se ele rompe o rumo das páginas e da escuta do senhor, enquanto palavra a qual todos os pensamentos seguem, qual um coral, e a ela cantam, é porque conjuga pensar e contar, ditando a frequência de criação da obra Riobaldo e, em consequência da obra Grande Sertão. O ato de pensar instala a palavra sertão e a ela, todas as demais palavras seguem e buscam também a ela dar corpo, tessitura.

“Sabemos que pensar vem de *pensum*, participio passado do verbo *pendere*. Significa, portanto, pendido, pendurado. Formou-se, já em latim, o substantivo *pensum*, que diz em sentido derivado a tarefa, o encargo e, em sentido próprio, a quantidade de fio de lã que se pendura para a tarefa de tecer e fiar durante a luminosidade de um dia... A concentração da articulação da tecelagem remete sempre, de alguma maneira, para além dos fios, para a tessitura, para a totalidade de integração que a tessitura realiza em silêncio.” (CASTRO, 2007, p. 152)

Assim, se a matriz da força geradora do sertão é o pensamento e ele, em seu sentido derivado, revela a tarefa e a criação de uma tessitura, pode-se compreender que o pensar gera, como produto, o fio têxtil sertão. Sua trama elabora as extensões da escrita e a dilatação do sertão em massa de linguagem vertente continuamente, alimentada pelo pensar. Em confiança à evidência de que a linguagem organiza, pela palavra sertão, a construção metafísica de um lugar e que este espaço construído pela linguagem é habitado pelo homem, encontra-se, facilmente, a compreensão de que a linguagem ganha cada vez mais corpo, ou se quiser extensão, ao passo que a palavra é

preenchida de pensamentos – “Sertão: estes seus vazios. O senhor vá. Alguma coisa, ainda encontra.” (ROSA, 1994, p.36).

Indo além, entende-se que sertão é mais do que um som que reverbera na voz de Riobaldo e uma palavra preñe de significados que se organizam no interior de sua narração, é a instalação de uma imagem que dá aparência às coisas narradas e à Riobaldo, instrumento do narrar, a visão de si mesmo e o pertencimento ao que o sertão funda. A “palavra pegante” roça nas coisas, inclusive no próprio leitor, enredando-as numa trama que, em sua ação performativa, artificializa uma forma falada, que acende a própria ideia de conto, de uma reprodução de extensões, de imagens repassadas ao longo do tempo. Assim, segue o leitor, envolvido pela “matéria vertente” (ROSA, 1994, p.134) que é o sertão e sendo requisitado pela própria busca de expressão da obra, glosando de ditados que parecem lhe ensinar algo sobre o contar.

“O senhor faça o que queira ou o que não queira – o senhor todaa-vida não pode tirar os pés: que há-de estar sempre em cima do sertão. O senhor não creia na quietação do ar. Porque o sertão se sabe só por alto. Mas, ou ele ajuda, com enorme poder, ou é traíçoeiro muito desastroso. O senhor...” (ROSA, 1994, p.763).

“Sertão, – se diz –, o senhor querendo procurar, nunca não encontra. De repente, por si, quando a gente não espera, o sertão vem. Mas, aonde lá, era o sertão churro, o próprio, mesmo. Ia fazendo receios, perfazendo indagação.” (ROSA, 1994, p.541).

A diligência sobre a qual Riobaldo conta, Senhores, busca a terra. Sertão, enquanto palavra contada, realiza um caminho, um grande conto. O ato de contar não descortina a descoberta como correlato imediato, pois parece ser possível estar nele, mas não encontrá-lo. Daí a inesperada aparição do sertão como um destino inescapável. O desejo de pensar “nos tornou um destino inescapável, aparentemente inseparável do destino de possuir a linguagem humana.” (CAVELL, 1997, p.57), de poder falar (do) sertão.

A confissão de que o pensar, em excitação, encaminha para direções apontadas pela própria linguagem sublinha a concordância na linguagem; um concordar não nas opiniões, mas “(n)as formas de vida” (CAVELL, 1997, p.45). Seria o mesmo que dizer que Senhores e senhor, leitores, estão “concordes com a linguagem, (...) que temos entre nós algum tipo de contrato, ou uma série de regras implícitas ou explicitamente combinada.” (CAVELL, 1997, p.45). O sertão, com exatidão, não lhes é sabido, mas “é dentro da gente.” (ROSA, 1994, p.435). Dessa forma, Riobaldo, munido de um dom ou de uma correspondência à sua natureza linguística, sustenta em seu labor um desdobramento de frases e de palavras que atingem o seu exterior, aquela forma de vida

outra, abancada na figura do senhor. Este surge como espécie congênere que testemunha o nascimento do sertão em si e por meio de si.

“O senhor vê aonde é o sertão? Beira dele, meio dele?...” (ROSA, 1994, p.856). Imagina-se, Senhores, que a performance do signo linguístico sertão atravessasse os ouvidos e atraia o leitor para junto de si, ainda que em tolas repetições de ditos com potência filosófica, mas esvaziados de quaisquer doutrinações. Conhecer o sertão ou se beirar dele é como conhecer uma palavra, é saber como prosseguir com ela, então, “mostrar como prosseguir é provar meu conhecimento.” (CAVELL, 1997, p.29).

A linguagem precisa narrar as suas modulações enquanto pensamento. Se pensar ilustra a imagem de se trilhar um caminho; este gesto próprio fomenta a sua própria filosofia. Sua filosofia inscrita na liberdade “de narrar e assim medir, e de declarar a sua própria história.” (FAYE, 1996, p.17). Entende-se, portanto, que o grande conto, criado pela trilha do sertão, não instrui uma doutrina ou um sistema lógico, sendo assim não funda uma filosofia nesse estreitamento do termo, mas, com seu apoio em uma ideia de terra que acaba de ser fundada, o sertão mobiliza a sua força de formação. Ali o pensamento se forma mais forte do que o poder do lugar, e se espraia, “O sertão está em toda a parte.” (ROSA, 1994, p.4).

De modo que é a filosofia de uma terra, o sertão reivindica em sua escrita o despertar de sua voz. É preciso, desde já, contar a sua origem, o que se traduz por contar os pensamentos que ali são depositados (que início tiveram estes?). Assim, a linguagem segue o rumo da necessidade da filosofia desta nova terra alicerçada e, portanto, há a necessidade de crivar com essa massa de linguagem o início do próprio pensamento de sertão; e, à palavra, volver todos os fios escritos, matéria prima do pensamento, sobre ele e criando, assim, as extensões, um grande sertão.

“Pois a filosofia nunca deixou, ela própria, de se contar: de contar seu próprio começo no pensamento. Já seria tempo de ela começar a pensar a potência do contar que nela se manifesta, - caso se pudesse saber como é possível que ela se conte deste modo, ao mesmo tempo em que conta outras coisas.

Mas é preciso operar neste começo, a dificuldade será de saber por onde e quando começar: em que espaço de tempo, por qual movimento e em que momento será a hora de começar a apreender este verdadeiro começo do poder contar? Dificuldade que evidentemente incide sobre a totalidade de si mesma. Pois a potência de contar começa em todas as partes e em todos os lugares. Será necessário contá-la por todos os lados e em todos os sentidos – por todos esses fragmentos e pela própria fragmentação. E, ao mesmo tempo, a cada momento, ajuntar a fragmentação.” (FAYE, 1996, p.23).

“(…), a narração, massa de linguagem, amontoado de vibração vocal e de grafia. Mas esse real age sobre aquilo que suporta. A seu modo, o helicóide, no coração do processo corporal, orienta-o, engendra-o, genetiza-o.

Esse movimento não é feito simplesmente de real e de linguagem. Ele é este pensamento, esta linguagem singular, chamada filosofia em Atenas.”

(FAYE, 1996, p.20)

A potência narracional da filosofia da terra inspira o movimento de condução, de encaminhamento, de prosseguimento. Tal aos pensamentos, a escrita também não se satisfaz com travas, vai-se longe e em contínuo infinito, tal qual a língua de Riobaldo a bater nos dentes. “Para que conto isto ao senhor? Vou longe. Se o senhor já viu disso, sabe; se não sabe, como vai saber? São coisas que não cabem em fazer idéia.” (ROSA, 1994, p.292)

Ao longo desta nova terra, o contar é verbo da aurora do pensamento – “Conto o que fui e vi, no levantar do dia. Auroras. Cerro. O senhor vê. Conteí tudo.” (ROSA, 1994, p.874). O levante da paisagem é um bem da produção filosófica do lugar que, ao ser modelado com contornos lexicais, “transformou estes últimos para de novo questioná-los, pôs em cena uma interlocução imprevista mas bruscamente previsível, este conjunto cuja teatralidade foi produzida em um espaço pensativo (...)” (FAYE, 1996, p.195). Tão logo o pensamento se pôs em veemente movimento, houve “a possibilidade de coerências múltiplas, na universalização da experiência e a partir de semelhantes decisões da linguagem.” (FAYE, 1996, p.195).

Sendo assim, a reiteração da voz da obra Riobaldo a dizer que conta e a assumir a propriedade da narração deve-se ao fato de que o contar implica um aceno breve da filosofia da terra. Se o contar é abastecido por fios e mais fios de extensão de um sertão como matéria vertente da linguagem, é porque a filosofia, nessa terra, é a pulsão humana do pensar. E ao pensar o sertão, a instauração da fundação dessa filosofia numa terra ainda inabordável, da qual se conhece “poucas veredazinhas”, revela que a aventura, signo militante do descobrir e do contar, recai como um gesto literário do contar.

Referências

ALMEIDA, Leonardo Vieira de. *Veredas do grande conto: a descoberta do sertão em Guimarães Rosa*. Rio de Janeiro: Editora da PUC-Rio em co-edição com a Uapê, 2011.

CASTRO, Manuel Antônio de. *Grande Ser-Tao: diálogos amorosos*. In: Veredas no sertão rosiano. Organização de Carlos Secchin et alii. Rio de Janeiro: Editora 7Letras, 2007.

CAVELL, Stanley. *Esta América nova, ainda inabordável*. Tradução de Heloisa Toller Gomes. São Paulo: Editora 34, 1997.

FAYE, Jean-Pierre. *A razão narrativa – a filosofia heideggeriana e o nacional-socialismo*. Tradução de Paula Martins et alii. São Paulo: Editora 34, 1996.

MOTTA, Marcus Alexandre. *Da língua a contar à boca do conto Grande Sertão: veredas, de Guimarães Rosa*. In: Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo - v. 7 - n. 2 - p. 274-287 - jul./dez. 2011

ROSA, João Guimarães. *Grande Sertão: Veredas*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.